

textos

A crítica literária e a polêmica jornalística: as contribuições de Aluísio Azevedo e Machado de Assis

José Alcides Ribeiro
José Ferreira Junior
Lucilinda Teixeira

N

o final do século XX, uma revista semanal de grande circulação no Brasil (Graieb, 2000) publicou uma reportagem em que se indagava se ainda haveria crítica literária nos jornais diários, prática comum durante o século XIX e, pelo menos, até a primeira metade do século XX.

A matéria jornalística teve por foco o fato de, já naquele momento, haver poucos críticos em

Este texto foi elaborado a partir do Projeto Literatura, Comunicação e Jornalismo do grupo de pesquisa Literatura, Comunicação e Jornalismo (CNPq/USP).

JOSÉ ALCIDES RIBEIRO é professor de Literatura Brasileira na USP e autor de *Imprensa e Ficção no Século XIX: Edgar Allan Poe e a Narrativa de Arthur Gordon Pym* (Edunesp).

JOSÉ FERREIRA JUNIOR é professor do curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão e autor de *Capas de Jornal: a Primeira Imagem e o Espaço Gráfico Visual* (Senac-SP).

LUCILINDA TEIXEIRA é professora da Universidade da Amazônia (Unama) e autora de *Ecos da Memória: Machado de Assis em Haroldo Maranhão* (Annablume).

ação na imprensa cotidiana e, sobretudo, poucas (quase nenhuma) polêmicas, cenário contrastante com o vivido durante o apogeu da crítica publicada nos jornais de forma destacada e contínua.

Assistiu-se, posteriormente à reportagem, ao fim de alguns órgãos de imprensa que mantinham, semanalmente, suplementos dedicados à resenha e à crítica, sendo exemplos os casos da *Gazeta Mercantil*, do *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro) e do *Jornal da Tarde* de São Paulo, agravando o quadro já pouco favorável da crítica literária nos anos 2000.

Algumas publicações mantêm espaços fixos para a resenha e para a crítica, mas persiste a ausência do debate de ideias mais inflamado.

Entende-se, no escopo deste artigo, que a quase inexistência de polêmicas no debate se deve ao fato de que, quando havia tal enfrentamento de opiniões nos jornais, se gestavam explicações sobre a maneira pela qual se construía a literatura brasileira, subjacente à construção de uma narrativa acerca da tradução de gêneros literários europeus para a realidade tropical, ressaltando-se a importância do romance-folhetim (romance-seriado) como sendo uma expressão clara desse esforço intelectual no século XIX. Esse cenário está distante do momento pelo qual se passa atualmente, rico em questionamentos e em críticas a posturas nacionalistas, migrando-se o foco para os debates sobre questões demandadas pela sociedade e relacionadas à identidade difusa, ao reconhecimento do outro, sobretudo quando são abordadas as temáticas acerca da igualdade racial e de gênero e do multiculturalismo¹.

O pressuposto com o qual se trabalha não desconsidera, porém, a argumentação daqueles que se filiam à corrente de pensamento a qual acredita

que a migração da crítica literária dos jornais diários para os suplementos culturais (escassos, porém ainda existentes) dos finais de semana e também para as pesquisas acadêmicas (Melo, 2003), em cujos formatos aparecem as dissertações e as teses, se deveu às mudanças pelas quais passou o jornalismo na segunda metade do século XX, mais voltado para resenhar produtos de consumo massivos do que para a análise de obras de arte, menos afeitas ao largo consumo popular.

A crítica literária gerava discussões acaloradas (não raro, mordazes), no século XIX, período no qual se destacavam na função de críticos Sílvio Romero, José Veríssimo, Araripe Jr., mas também havia espaço para a opinião dos próprios escritores, dentre outros, Machado de Assis e Aluísio Azevedo. O veículo mediante o qual o leitor sorvia as opiniões dos críticos era o jornal.

A contribuição machadiana está registrada no livro *O Jornal e o Livro* (2011)², sendo essa uma coletânea em que aparecem exemplos sobre o posicionamento do romancista acerca do papel do crítico, os rumos da literatura brasileira daquela quadra, a produção literária para o jornal e a crítica da obra *Primo Basílio* de Eça de Queirós. Machado de Assis, homem de imprensa nas funções de tipógrafo, de revisor, de crítico, de cronista, considerava o jornal uma tribuna universal, destacando suas qualidades de modo enfático: “O jornal é a liberdade, é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização” (Assis, 2011, p. 52).

A opinião de Machado de Assis acerca da atividade do folhetinista traz consigo a marca do empenho com a aclimação do gênero à terra brasileira. Sendo assim, ressalta que “o folhetinista tratou de acomodar a economia vital de sua organização às convenções das atmosferas locais” (Assis, 2011, p. 70). Mais adiante assevera que “o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista”. Machado finaliza seu ensaio de modo crítico com relação às imitações das obras europeias e, ao mesmo tempo, aponta uma solução para o folhetim brasileiro:

1 Ilustrando essa tendência, podem ser citados, na atualidade, os artigos da seção intitulada Outros Escritos, do suplemento Eu & Fim de Semana do jornal *Valor Econômico*, espaço destinado à crítica literária de autoria de escritoras e escritores, sendo relatos com essa vocação, por exemplo, os escritos de Eliana Cardoso, “Soberania Feminina” e “Adulterio, Contrato e Transgressão”, e também o texto “Transexual e Daí?” de Tatiana Salem Levy. As abordagens críticas deste início de século sucedem às leituras estruturalistas e formalistas, presentes, sobretudo, nos anos 1970, além das interpretações psicanalíticas e as de viés marxista, registradas por Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira* (2003, p. 495).

2 Aos que se interessam pelo conjunto de textos em crítica literária da obra machadiana, encontra-se todo ele disponível no endereço eletrônico: <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-menu-principal-173/170-critica>.

“[...] ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa” (Assis, 2011, p. 72).

A afirmação de uma identidade nacional está presente na formulação do texto “Notícia da Atual Literatura Brasileira. Instinto de Nacionalidade”. Para Machado de Assis, a tendência no panorama literário nacional do século XIX é explícita:

“Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. [...] todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há como negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro”.

Vislumbrava outra emancipação, para além da esfera política já conquistada naquela quadra, longa, mas possível:

“Esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo” (Assis, 2011, p. 12).

Concluía de modo otimista:

“Viva imaginação, delicadeza e força de sentimentos, graças de estilo, dotes de observação e análise, ausência às vezes de gosto, carências às vezes de reflexão e pausa, língua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita cor local, eis aqui por alto os defeitos e as excelências da atual literatura brasileira, que há dado bastante e tem certíssimo futuro” (Assis, 2011, p. 26).

Aluísio Azevedo expressou-se por intermédio da interrupção de um romance-folhetim, *Mistério da Tijuca* (nas reedições, a partir de 1900, recebeu o título de *Girândola de Amores*), publicado pelo jornal *Folha Nova*, entre 1882 e 1883, no Rio de Janeiro.

Uma marca dessas análises é a recorrência em entender a produção e o consumo do ro-

mance-folhetim, da mesma maneira pela qual se dedicaram às análises de Machado de Assis. Buscava-se, efetivamente, entendê-lo como algo a ser traduzido para a realidade brasileira, cujos aspectos difeririam da encontrada na Europa.

A pluralidade do modo pelo qual esse tipo de texto literário se manifesta está presente na elaboração dos juízos estéticos e morais dos escritores do século XIX, obtendo registro na fortuna crítica do século XX. Marlyse Meyer (1996, p. 18), ao se reportar à sua trajetória de estudiosa do tema, chama a atenção para a necessidade de “focalizar o fato de que o folhetim não é algo unívoco, fechado, mas tem uma história, a qual se inscreve na História”.

Outra faceta do romance-folhetim é a facilidade com que ele estimula os autores a dialogar com o público. Meyer interpreta-a de maneira a incluir a participação do leitor na construção da obra, servindo-lhe de exemplo o processo de criação da obra de Eugène Sue³:

“Coloca-se para o autor uma certa necessidade na elaboração do romance que vai tecendo, impelido por várias e imprevistas determinações. Agradar ao político continua, evidentemente, sendo uma delas. Mas agradar aceitando sua colaboração, seguindo suas sugestões, que lhe chegam por via de cartas” (Meyer, 1996, p. 76).

O impulso para manter aceso o diálogo com a crítica e com o público, por meio de correspondências e, em outra medida, por intermédio das próprias páginas dos jornais, é algo registrado pela literatura brasileira no século XIX. Essa não é uma característica só aqui do Brasil. Na primeira metade do século XIX, escritores franceses, tais como Honoré de Balzac, Alfred de Musset, Théophile Gautier e outros, apresentam uma rica e provocante produção dentro dessas características do diálogo com o público. Isso é importante destacar, pois os periódicos brasileiros copiam o formato e a tipologia de gêneros dos jornais franceses do período.

Salta aos olhos a demonstração dessa postura, por exemplo, na obra em folhetim *Mistério da Tiju-*

3 Escritor francês autor do romance-folhetim *Les Mystères de Paris*.

ca⁴ do escritor maranhense Aluísio Azevedo. Parte da crítica literária do século XX, à testa Jean-Yves Mérian, considera que os folhetins de Azevedo, incluindo-se nesse rol a obra acima citada, “não são romances de tese, mas o autor desenvolve neles teses sociais e políticas claras ao mesmo tempo em que, por outro lado, faz descrições de cenas irreais e fantásticas” (Mérian, 1998, p. 494).

Ao expandir o hábito de desenvolver teses sociais, Aluísio Azevedo chega a parar a narrativa ficcional para poder expor seu pensamento sobre a aclimação do romance-folhetim (romance-seriado). Essa atitude deu-se em dois momentos do romance *Mistério da Tijuca*. Nos capítulos 61 (“Onde o Autor Põe o Nariz de Fora”, publicado em 23 de janeiro de 1883) e 76 (“Um Parêntese”, publicado em 13 de fevereiro de 1883), o romancista realiza uma pontual explanação de suas impressões acerca da produção literária que lhe era contemporânea.

Em relação à crítica que vinha recebendo, à época, por desenvolver uma obra fora dos padrões literários do final do século XIX, Azevedo envereda por uma linha argumentativa na qual se posiciona em diálogo com o leitor, razão pela qual rebate as opiniões desfavoráveis sobre o romance-folhetim então em curso no capítulo publicado em 23 de janeiro de 1883: “Já não estamos no tempo em que o romancista podia empilhar todas as situações que lhe surgissem à fantasia, sem dar conta disso ao leitor. Hoje é preciso dizer os porquês, é preciso investigar, esmiuçar as razões que determinaram tais e tais cenas”. Acerca do intento a ser alcançado, o folhetinista é explícito: “[...] encaminhar o leitor para o verdadeiro romance moderno”. Para tal fim, discorreu sobre o seu processo de criação para os romances-folhetins:

“Um pouco de enredo de vez em quando, uma ou outra situação dramática de espaço a espaço [...]

Depois as doses de romantismo irão diminuindo enquanto as de naturalismo irão se desenvolvendo, até que um belo dia, sem que o leitor sinta, esteja completamente habituado ao romance de pura observação e estudo de caracteres”.

Aluísio Azevedo deixa claro que havia uma dicotomia entre o pensamento da crítica literária e o gosto dos leitores de jornal, porque “os leitores estão em 1830, em pleno romantismo francês, querem o enredo, a ação, o movimento; os críticos, porém, acompanham a evolução do romance moderno e exigem que o romancista siga as pegadas de Zola e Daudet”.

O próprio escritor, fazendo as vezes de crítico literário, se coloca a questão-chave: a quem agradar? A resposta vem de modo a demarcar as devidas áreas de influência. Aos críticos cabe, segundo Azevedo, a decretação de estilos preponderantes em determinada quadra de tempo. Entretanto, não hesita em afirmar que os romances são escritos para o público e não para a crítica, pois quem paga o escritor é o que ele denomina de “grosso público”.

A preocupação em agradar a audiência, acrescida das vantagens pecuniárias de ter um romance de sucesso popular nas páginas de jornal, não lhe embotava o senso crítico. Não é por outra razão, aparentemente, que Azevedo elabora com vigor um comentário mordaz, a ele atribuído por Paulo Dantas, quando de uma carta a um amigo na qual apelava para que lhe conseguisse um emprego, fosse qual fosse, desde que não precisasse mais “fabricar Mistérios da Tijuca”, ficando à vontade para “escrever Casas de Pensão” (Dantas, 1954, p. 38). A fuga da vida literária foi bem-sucedida. O romancista, entretanto, abandonou o mister de escritor, dedicando-se à carreira diplomática no crepúsculo de sua vida.

No capítulo “Um Parêntese”, os julgamentos de Aluísio Azevedo acerca do momento pelo qual passava a literatura brasileira são mais peremptórios, até pelo fato de ele estar na condição de defensor de obra refutada pela crítica da época.

O papel do escritor notadamente no que tange à percepção do mundo, sob o ponto de vista do naturalismo, sobressai em uma de suas interpretações:

4 O título e a obra, mesmo não se constituindo propriamente numa paródia da obra de Eugène Sue, são certamente uma assinatura pilheriada por parte do romancista maranhense, manifestação desfeita nas edições em livro do século XX. O romance *Mistério da Tijuca* intitulou-se *Girândola de Amores*, a partir da segunda edição em livro, em 1900, sendo retirados os capítulos, presentes no folhetim e na primeira edição, nos quais o autor debruçou-se sobre o exercício da crítica, apresentada neste artigo.

“[...] o artista moderno não deve esparecer nunca nos seus trabalhos, sem, todavia, nunca se separar deles. Sua missão é recolher fotograficamente no cérebro o que se passa em torno dele, e reproduzir tudo isso no livro, na tela ou na música ou no mármore, depois de filtrada pela sua alma, pela sua individualidade. Cada objeto, uma vez reproduzido, deve conservar intacta a forma, o caráter, a cor e o cheiro”.

Azevedo, efetivamente, aplicava esse preceito de modo a analisar o panorama literário do qual fazia parte. O propósito dele aproximava-se do que delineava, como já foi exposto acima, Machado de Assis: desviar o leitor brasileiro da tradição francesa do folhetim.

Imbuído dessa finalidade, criticava os seus companheiros de ofício: “Por hora ainda não tivemos romances verdadeiramente brasileiros, a não ser, *Memórias de um Sargento de Milícias*, que não passa de uma tentativa. Alencar, quando foi brasileiro, não escreveu romances, escreveu poemas”.

O escritor maranhense também indicava, nesse parêntese do romance folhetim *Mistério da Tijuca*, os caminhos pelos quais deveriam percorrer os romancistas brasileiros, caso desajassem se distinguir dos escritores europeus. Para ele, “nossos romances não poderão, pelo menos nestes cinquenta anos mais próximos, ter a calma cínica de um drama passado nas ruas de Paris ou nas vielas de Londres”, e, seguindo seu argumento, explica: “[...] aqui a natureza requer vistas mais largas, sentimentos mais puros, paixões mais ardentes, que deem uma ideia de nosso sol e de nossas florestas”. Toda essa arquitetura argumentativa leva o autor às seguintes conclusões: “[...] o romance brasileiro é, por

consequente, muito mais difícil de realizar do que o europeu, porque tem de possuir a forma dupla de poema e de novela”.

Azevedo, naquele início dos anos 1880, não reconhecia em algum escritor a habilidade para “conciliar essas duas coisas tão opostas”, que, segundo ele, seriam os elementos de um ponto de partida para a construção do romance nacional.

É oportuno lembrar que, naquele momento, ele próprio ainda não havia escrito *Casa de Pensão* e nem *O Cortiço*, sendo também conveniente trazer à memória o fato de que, somente naquele decênio, começava vir à luz o melhor da produção machadiana, para se utilizar um exemplo mais recorrente.

As contribuições da crítica literária, no domínio do jornalismo do século XXI, apontam para o arrefecimento do debate acerca da nacionalidade (debate nunca esgotado, porém consolidado ao longo do século XX). Essa questão pode ter desdobramentos mais orgânicos se for debatida à luz da problematização sobre a pluralidade das culturas nacionais feita por Stuart Hall. É possível, assim, construir pontes para a inserção do crítico (às vezes, também escritor, ou mesmo colaborador especializado em escrever resenhas) na discussão das demandas contemporâneas, sobretudo as que extrapolam as fronteiras nacionais. Demandas que perpassam as diversas camadas de produtores e consumidores de vários grupos sociais, pelos temas do que se denomina por “diversidade cultural” (de raça, de gênero, de classe social, etc.) e pelo impacto da linguagem dos meios de comunicação de grande circulação. Fica, assim, ao crítico a possibilidade de um olhar que traduza a multiplicidade cultural dos consumidores da arte verbal no século XXI.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de. *O Jornal e o Livro*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- AZEVEDO, Aluísio. *Girândola de Amores*. 8ª ed. São Paulo, Livraria Martins Editora/INL-MEC, 1973.
- BALZAC, Honoré. *Oeuvres Diverses, I, II, III*. Paris, Louis Conard, 1910.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 41ª ed. São Paulo, Cultrix, 2003.
- CARDOSO, Eliana. "Adultério: Contrato e Transgressão", in *Valor Econômico*. Caderno Eu & Fim de Semana, seção Outros Ensaio, 27/6/2014, pp. 34-5.
- DANTAS, Paulo. *Aluísio Azevedo: um Romancista do Povo*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1954.
- GAUTIER, Théophile. *Portraits et Souvenirs Litteraries*. Paris, Charpentier, 1881.
- GRAIEB, Carlos. "Cadê a Crítica?", in *Veja*, 28/6/2000. Disponível em: http://veja.abril.com.br/280600/p_160.html. Acesso em: 13/11/2014.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. São Paulo, DP&A, 2003.
- LEVY, Tatiana Salem. "Transexual e Daí?", in *Valor Econômico*, 3. Caderno Eu & Fim de Semana, seção Outros Ensaio, 1/11/2014, p. 34-35.
- MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. 3ª ed. Campos do Jordão, Mantiqueira, 2003.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo: Vida e Obra (1857-1913)*. Rio de Janeiro/Brasília, Espaço e Tempo/Banco Sudameris-Brasil/INL, 1988.
- MUSSET, A. *Oeuvres Complètes em Prose*. Paris, Gallimard, 1960.